AP | Agenda Política

Relações Internacionais na crise da ordem liberal

Flávio Contrera[1]
Matheus Lucas Hebling[2]

O cenário político e econômico internacional dos últimos setenta anos, desde o final da Segunda Guerra Mundial, foi marcado pela economia capitalista e posteriormente adjetivada também liberal, que modelou as sociedades e democracias industriais avançadas. Desde então, a economia mundial tornou-se gradualmente mais aberta, com o crescimento das finanças e do investimento internacional em mercados domésticos. Esforços contínuos foram tomados para o aumento da integração econômica. A década de 1980 apresentou talvez um dos poucos obstáculos que a ordem internacional liberal defrontou. A solução trazida pela direita liberal à época, menos intervenção estatal e combate perene à inflação, foi continuada por governos de centro-esquerda durante as duas décadas seguintes.

Resultado deste processo, o globalismo está enraizado na doutrina neoliberal do Consenso de Washington, que foi iniciado pelo primeiro presidente dos EUA no pós-Guerra Fria, Bill Clinton, e executado pelos sucessivos governos de George W. Bush e Barack Obama. Sua doutrina baseia-se na adoção de um conjunto

[1] Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente, realiza estágio de pós-doutorado financiado pela FAPESP no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas. http://orcid.org/0000-0002-6740-5489 flavio.contrera@gmail.com

[2] Doutorando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas financiado pelo CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. https://orcid.org/0000-0001-7810-0122 matheushebling@gmail.com

https://doi.org/10.31990/agenda.2020.3.0

unificado de regras e padrões em economia, política e relações internacionais, em que as fronteiras nacionais perderiam gradualmente relevância e até desapareceriam. Com efeito, as distinções culturais dariam lugar a valores universais e a democracia eleitoral e o capitalismo de mercado se espalhariam pelo mundo (LI, 2016). Entretanto, a bolha econômica de 2008, que resultou em um período de recessão mundial, reverberou sobre o desejo de manutenção dessa ordem liberal.

Em entrevista[3] ao jornal Financial Times em 2019, o presidente russo Vladimir Putin afirmou que "[Os liberais] não podem simplesmente ordenar algo a ninguém, exatamente como têm tentado fazer nas últimas décadas. [...] A ideia liberal tornou-se obsoleta. Ela entrou em conflito com os interesses da esmagadora maioria da população" (tradução livre). A fala de Putin reverbera uma até então crescente onda (ultra-) conservadora na política, exemplificada pelos partidos de extrema-direita no mundo[4]. Esses, por sua vez, possuem uma nova característica: comumente estão vinculados a líderes ou programas populistas, seja o francês *Front National*, o Partido Austríaco da Liberdade - FPÖ, o suíço *Autopartei*, o alemão *Republikaner* ou nos seus exemplos americanos, como o movimento *Tea Party*, ou mesmo os asiáticos *Hugpong*, nas Filipinas, ou *Palang Pracharat*, na Tailândia. As fontes desse crescimento não estão apenas nos contextos sociais, políticos ou econômicos desses países, mas principalmente nas tensões do jogo democrático (CANOVAN, 1999).

A hostilidade às elites, tanto da direita quanto da esquerda, transformou-se em um ataque ao internacionalismo econômico durante as duas últimas campanhas para as eleições presidenciais norte-americanas e em outras tantas ao redor do mundo. Tomemos Donald Trump e Bernie Sanders como exemplos. Enquanto Trump se colocou antagônico ao comércio exterior, investimento e imigração, Sanders se opôs às desigualdades trazidas pelo comércio internacional e o investimento externo.

[3] https://www.ft.com/content/670039ec-98f3-11e9-9573-ee5cbb98ed36. Acesso em Novembro de 2020.
[4] https://www.newstatesman.com/2018/05/right-wing-populism-rising-progressive-politics-fails-it-too-late-save-democracy Acesso em Novembro de 2020.

Embora o movimento antiglobalista não se atenha apenas a um lado ideológico, ele se concentra e chega ao poder dentro da extrema-direita, cuja existência não é um movimento novo (WORSLEY, 1969) e tampouco pode ser considerado um monólito. São várias as teorias que se explicam sua existência, que se organizam em dois grupos, de acordo com Merkl (2003): o da oferta e o da demanda.

No grupo da demanda, a tese do *issue* único (ARTER, 1992) enfatiza a política anti-imigração como a principal atração do voto, cujo exemplo é a *Front National* francesa durante os anos 1980; a tese do protesto (KNIGGE, 1998) defende o voto de protesto ou antipolítica como fator explicativo, resultado da visão da inexistência ideológica partidária e do decorrente baixo comparecimento eleitoral na Europa; por outro lado, a tese do colapso social (HEITMEYER, 1998) associa a anomia com a extrema direita, e a sentimentos de insegurança e ineficácia, exemplificado pela ascensão do FPÖ na Áustria; a tese pós-material reversa, que defende a queda da importância dos problemas associados à classe, cujos exemplos são o Vlaams Belang belga e o DVU alemão; por fim, a tese do interesse econômico (LIPSET, 1962) prevê que o apoio à extrema direita vem dos perdedores no jogo democrático ou daqueles que foram privados de algo, que lutam por recursos escassos.

No grupo da oferta encontram-se outras cinco teorias. A tese da estrutura de oportunidade política (POS) (TARROW, 1994) foca no quanto programas e ações e a abertura de instituições permite que novos partidos surjam, como no caso da FN francesa; a tese de midiatização (STATHAM, 1996), que foca no papel da mídia ao criar uma imagem negativa do "outro", exemplificado na ascensão do Movimento Social Italiano - MSI; a tese de tradições nacionais (KARAPIN, 1998) que explica o sucesso da extrema direita quando essa tem sucesso em representar a cultura nacional, como no caso do DVU alemão; a tese programática (MUDDE, 2000) , que argumenta que esses partidos possuem uma ideologia que não necessariamente se preocupa com eleições, como no caso do FPÖ; por fim, a tese do líder carismático parte do declínio da democracia partidária para explicar o surgimento de líderes que usam a mídia para alinhar o eleitorado, como Jean-Marie Le Pen.

A ojeriza causada pela ordem liberal internacional não causa apenas uma resposta da extrema direita ou mesmo esquerda, mas também na ascensão de líderes populistas dentro (ou fora) de partidos políticos. De acordo com Sandel (2018), duas dinâmicas distintas precisam ser identificadas. De um lado, ressentimentos culturais resultantes da imigração e do decorrente multiculturalismo; e de outro, ressentimentos econômicos, devido às novas características tecnocratas e desiguais da globalização, que criam situações de incerteza e desemprego. Como aponta Urbinati (1998), esse é o resultado de uma estratégia de reequilíbrio da distribuição do poder político entre os grupos sociais estabelecidos e emergentes, em um cenário no qual a tensão entre democracia liberal e do populismo decorre das maneiras em que estas ideologias percebem as relações entre as instituições representativas e a vontade do povo.

Embora não seja um monólito, existem características compartilhadas pela direita radical. Primeiro, é importante enfatizar que um programa consistente não é o fator mais importante para o sucesso de um partido populista. Sua preocupação constante se dá em se justapor a uma classe política corrupta (ou *establishment*) e se colocar como uma voz autêntica do povo. Uma das noções-chave para compreendermos o populismo é qual é o entendimento do povo para o líder. Enquanto a esquerda define povo como sendo uma classe, o povo para a direita é visto como nação (MÉNY e SUREL, 2000 *apud* KRIESI, 2014). Além disso, Betz (1993) elenca nove características da direita radical populista, sendo elas: a criação de discurso opondo o povo comum e a elite, a rejeição dos sistemas sociocultural e sociopolítico, a defesa da conquista individual, a defesa do livre mercado, a defesa de restrições do papel do Estado, a rejeição da igualdade individual e social, a oposição da integração de grupos marginalizados e extensão de direitos democráticos a eles, a promoção da xenofobia e a instrumentalização de sentimentos públicos difusos de ansiedade, inveja, ressentimento e desencantamento.

Para Mudde e Kaltwasser (2012), o conceito de populismo pode ser diferenciado por ser "excluviso ou "inclusivo", e está presente nos dois lados do espectro ideológico. O primeiro é característico do populismo de direita Europeu e o segundo do populismo de esquerda latino-americano. Essa diferenciação ocorre

em três dimensões diferentes: a material, a política e a simbólica. A exclusão ocorre na dimensão material ao excluir grupos do acesso de recursos estatais, como empregos, enquanto a inclusão se dá quando grupos recebm recursos estatais, estes podendo ser fruto de reparações por recriminações. A inclusão material é uma propriedade intrínseca do clientelismo, embora também ocorra no populismo. Na dimensão política, a inclusão ocorre através do aumento da participação e representação de grupos sociais, enquanto a exclusão se dá pela prevenção da participação por completo dos mesmos. Por fim, na dimensão simbólica a inclusão é feita através da integração de grupos no discurso do "nós" ou o "povo", enquanto a exclusão é relegar determinados grupos serem entendidos como "eles" ou da "elite".

Esse diagnóstico também mostra que o *establishment* da política internacional tem sido, mais do que uma realidade descrita por agrupamentos de países, liberal. Entretanto, partidos populistas, tratados como *outliers* pela literatura em Ciência Política e Relações Internacionais, mudaram a maneira como pensávamos as relações internacionais, desafiando o multilateralismo, a mobilidade internacional, e o *policy-making* da política externa, cujo melhor exemplo está na administração de Donald Trump nos Estados Unidos e retirada do país de diversos tratados internacionais. Assim como mostram Destradi e Plagemann (2019), os efeitos do populismo são mitigados por instituições domésticas e internacionais e por suas próprias ideologias. Ao tomarem casos específicos ao redor do mundo, os autores apontam para a centralização e personalização da tomada de decisões em política externa, emergindo como resultado uma ordem internacional fluida, multipolar e menos inteligível.

Enquanto presidente dos EUA, Trump avançou sua agenda antiglobalista mobilizando nacionalismo econômico e reposicionando o país internacionalmente. Nesse sentido, Trump impôs a renegociação do NAFTA ao Canadá e ao México, em condições mais favoráveis aos EUA; impôs tarifas sobre bilhões de dólares em importações chinesas e determinou a saída dos EUA do Tratado Transpacífico de Livre-Comércio. No campo político, Trump minou parte das alianças tradicionais americanas; retirou os EUA de acordos e instituições internacionais e se aproximou de líderes nacionalistas autoritários, notadamente com Rússia, Turquia,

Brasil e Coreia e do Norte. A violação frequente de Trump de normas e políticas democráticas, como a separação de crianças migrantes de seus pais e a proibição de viajantes de muitos países de maioria muçulmana, também prejudicou o apelo dos Estados Unidos em todo o mundo (HAASS, 2020).

Durante a presidência de Trump, a China se tornou mais influente e poderosa na América Latina em praticamente todas as dimensões. Na Venezuela, as sanções afastaram as empresas dos EUA, criando uma abertura ideal para as empresas chinesas expandirem sua influência. No Brasil, o comércio com os Estados Unidos caiu para seu nível mais baixo em 11 anos, enquanto o comércio com a China está crescendo, apesar da retórica anti-China de Bolsonaro. Ademais, o antiglobalismo se manifestou na quase ausência de diálogo entre os principais líderes da região. Bolsonaro tem se mantido distante do presidente argentino Alberto Fernández e condenando o governo de Nicolás Maduro. O presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, ainda não visitou um único país latino-americano. Enquanto isso, problemas urgentes, que demandam cooperação, como a emigração da Venezuela e da América Central, a degradação ambiental na Amazônia e o crime transnacional seguem sem enfrentamento (STUENKEL 2020).

A ainda corrente pandemia nos ensinou o custo de eleger líderes populistas. Dentro do Brasil, Jair Bolsonaro subestimou a importância e severidade do contágio, criando uma campanha institucional defendendo que o Brasil não parasse (RICARD e MEDEIROS, 2020). Ele permaneceu como um agente da desordem, fazendo uso de *bots* para controlar a narrativa dentro da rede social *Twitter*, saturando o debate público com informações falsas e sem embasamento científico, criando equivalências entre opinião e ciência (KALIL e SANTINI, 2020).

De maneira geral[5], além de ter uma resposta atrasada (KAVAKLI, 2020), os quatro países cujos casos tiveram crescimento mais rápido são governados por líderes que se colocam como antipolítica e anti-*establishment*: Brasil, Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha. O quinto e sexto lugar, Irã e México, são governados por um líder teocrata extremista e um populista de esquerda. Embora Meyer (2020) mostre que não há uma correlação entre líderes populistas e reações anticiência à pandemia necessariamente, ele também mostra que alguns líderes

[5] https://www.nytimes.com/2020/06/02/briefing/coronavirus-populist-leaders.html Acesso em Novembro de 2020.

usaram do momento para estenderem seus poderes através de decretos de emergência, além de terem usado a pandemia como um momento de enrijecerem seus discursos contra oponentes e suas posições extremas.

Disputas eleitorais recentes, contudo, sinalizam o retrocesso da agenda conservadora da direita radical. Após o golpe conduzido por forças militares de extrema-direita que culminou com a renúncia do presidente Evo Morales na Bolívia, Luís Arce do MAS, venceu a disputa eleitoral no outubro de 2020 e assumiu a presidência do país. No Chile, manifestações populares garantiram a realização de plebiscito que aprovou uma nova Constituição, enterrando o neoliberalismo consagrado na carta de Pinochet. Nas eleições municipais do Brasil o bolsonarismo foi o principal derrotado. Poucos candidatos apoiados pelo presidente Bolsonaro lograram sucesso. Todavia, o maior indício de retrocesso daquela agenda ocorreu nos EUA, com a eleição do democrata Joe Biden para a presidência e a derrota de Donald Trump.

Com Biden na presidência, a expectativa é a de que o multilateralismo volte a mobilizar acordos e instituições internacionais. Nesse sentido, é esperado o retorno dos Estados Unidos à OMS, com uma mudança de orientação em relação às políticas de combate ao coronavírus e o retorno dos Estados Unidos ao Acordo climático de Paris. Tais movimentos, indicariam simultaneamente a recusa do antiglobalismo e a defesa do cientificismo em temáticas que sob Trump foram alvo de Fake News e negacionismo. Especificamente em relação ao Brasil, Biden terá a difícil tarefa de fazer com que Bolsonaro adote regras ambientais mais rígidas. Até o momento, contudo, Bolsonaro parece pouco disposto a cooperar com o candidato que derrotou Trump.

No que concerne à China, Biden deve continuar a combater práticas econômicas que os EUA consideram abusivas e confrontá-la a respeito de violações dos direitos humanos. O presidente promete aprimorar a vantagem inovadora dos EUA para superar os asiáticos em energia limpa, computação quântica, inteligência artificial, 5G, trens de alta velocidade e corrida para acabar com o câncer (BIDEN, 2020).

Esse dossiê, assim como a ciência em geral, reflete o entremeio temporal do cenário internacional, as pluralidades que nele existem e os avanços e retrocessos

que vivemos devido a esse cenário. Não obstante, tentamos dialogar com as múltiplas abordagens que existem nos campos da Ciência Política e Relações Internacionais para entender diferentes níveis de análise visto de uma também variada análise metodológica. Aproveitamos esse espaço para agradecer aos autores que contribuíram ao dossiê, tendo eles sido publicados ou não. Começamos essa trajetória no início da pandemia e não poderíamos ter sido mais felizes na recepção de artigos.

Iniciando o dossiê, o artigo "Competição Interestatal, Componentes Críticos e Cadeias de Suprimentos: Implicações para a Ordem Liberal", por Dall'Agnoll e Dall'Agnoll, analisa documentos oficiais e relatórios norte-americanos e chineses, examinando as esferas de influência que mantém a dissonante ordem liberal internacional, sua crise estrutural e como países respondem a isso. O argumento, centrado em investimentos em áreas-chave e a ligação com competição estratégica mostra um novo uso de uma velha tática por parte de jogadores importantes no cenário internacional.

O segundo artigo, "Entrelinhas: O surgimento da China como 'adversária comercial' nos documentos do USTR, 2001-2016", por Narciso Rocha, dá continuidade à análise anterior, se debruçando sobre como a China passa a ser percebida como adversária e não aliada dos interesses norte-americanos em um ponto de inflexão específico. Trabalhando com documentos oficiais e discursos, esse artigo faz uma análise dos últimos vinte anos da política externa dos Estados Unidos em uma contribuição de como uma narrativa institucional pode levar um país de aliado a alvo.

O terceiro, "O pensamento decolonial nas RI: o exemplo da governança ambiental global", por Muriel e Nascimento, é um aporte teórico inter/transdiciplinar que debate a contribuição do pensamento decolonial no campo das Relações Internacionais, em especial da chamada GAG (Governança Ambiental Global). A crítica colocada se despende na tomada do pensamento antropocentrista como único para a interpretação da natureza, e o local do movimento transnacional indígena nas discussões da GAG.

O quarto artigo, "O "quase" golpe: a Organização dos Estados Americanos e o Paraguai em 1996", por Ferraz Oliveira, mostra a ligação entre uma instituição e

um processo de transição democrática recente no Paraguai. Partindo do argumento que fatores não-domésticos podem intervir em processos de democratização, são exploradas como regras formais podem moldar preferências de atores nacionais e internacionais e resultar na criação de normas.

Por fim, o quinto artigo, "Derechos humanos de niños, niñas, adolescentes y mujeres migrantes en los instrumentos internacionales", por Jesus, usa o construtivismo das Relações Internacionais para explicar os instrumentos internacionais que defendem os direitos humanos associados ao processo migratório de crianças, adolescentes e mulheres. A análise se estende pelas políticas externas dos Estados Unidos e do México, a análise da Agenda 2030 e o Pacto Mundial de Migração, além da criação de uma tipologia migratória a partir desses dados.

Desejamos uma ótima leitura a todos e todas!

Referências

ARTER, 'Black Faces in the Blond Crowd: Populist Racialism in Scandinavia', **Parliamentary Affairs**, 45.3, 1992.

BETZ, Hans-George. "The Two Faces of Radical Right-Wing Populism in Western Europe" In: **The Review of Politics**, Vol. 55, No. 4, 1993

_____. Radical Right-Wing Populism in Western Europe. London: Macmillan, 1994.

BIDEN, Joseph Jr. Why America Must Lead Again: Rescuing U.S. Foreign Policy After Trump. **Foreign Affairs**, 99.2, 2020, 64-76.

CANOVAN, Margaret. "Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy" In: **Political Studies**, XLVII, 1999.

DERKS, Anton. "Populism and the Ambivalence of Egalitarianism. How Do the Underprivileged Reconcile a Right Wing Party Preference with Their Socio-Economic Attitudes?" In: **World Political Science Review**, Volume 2, Issue 3, 2006.

DESTRADI, Sandra, & PLAGEMANN, Johannes. Populism and International Relations: (Un)predictability, personalisation, and the reinforcement of existing trends in world politics. **Review of International Studies**, 1–20, 2019. doi:10.1017/s0260210519000184

HAASS, Richard. Repairing the World The Imperative—and Limits—of a Post-Trump Foreign Policy. **Foreign Affairs**, November 9, 2020.
HEITMEYER, Wilhelm et al., Die Bielefelder Rechsextremismus-Studie, Weinheim and Munich: **Juventa**, 1993.

KALIL, Isabela & SANTINI, R. Marie. "Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política". **Relatório de pesquisa**. Divulgado em 01 de abril de 2020. 21p. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ.

KAVAKLI, Kerim. **Did Populist Leaders Respond to the COVID-19 Pandemic More Slowly? Evidence from a Global Sample?** Disponível em: https://kerimcan81.files.wordpress.com/2020/06/covidpop-main-2020-06-18.pdf Acesso em Novembro de 2020.

KNIGGE, Pia. "The Ecological Correlates of Right-wing Extremism in Western Europe" In: **European Journal of Political Research**, 34.2, 1998.

KRIESI, Hanspeter. "The Populist Challenge" In: **West European Politics**, Vol. 37, No. 2, 2014.

LI, Eric. The End of Globalism. Where China and the United States Go From Here. **Foreign Affairs**, December 9, 2016.

LIPSET, Seymour. **Political Man**. London: Heinemann, 1962.

MEYER, Brett. Pandemic Populism: An Analysis of Populist Leaders' Responses t Covid-19. Report for Tony Blair Institute for Global Change, 2020.

MINKENBERG, Michael. "The Radical Right in Postsocialist Central and Eastern Europe: Comparative Observations and Interpretations" In: **East European Politics and Societies**, Vol. 16, No. 2, 2002.

MUDDE, Cas. "The Populist Zeitgeist" In: **Government and Opposition**, Volume 39, Issue 4, 2004.

_____. "Three decades of populist radical right parties in Western Europe: So what?" In: **European Journal of Political Research**, 52:2013.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Carl. "Exclusionary vs. Inclusionary Populism: Comparing Contemporary Europe and Latin America" In: **Government and Opposition**, Volume 48, Issue 02, 2013.

RICARD, Julie, MEDEIROS, Juliano, (2020). Using misinformation as a political weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil, The Harvard Kennedy School (HKS) **Misinformation Review**, Volume 1, Issue 2.

SANDEL, Michael J. Populism, liberalism, and democracy. **Philosophy & Social Criticism**, 44(4), 353–359, 2018. doi:10.1177/0191453718757888

SEGESTRÅLE, Ullica. Anti-Antiscience: The Fight for Science and Reason. **Science & Technology Studies**, v. 9, n. 1, p. 5-25, 1996.

STATHAM, Paul. "Berlusconi, the Media and the New Right in Italy" In: **Harvard International Journal of Press/Politics**, 1.1, 1996.

STUENKEL, Oliver. Trump Drove Latin America Into China's Arms Biden Has a Chance to Wrest It Back. **Foreign Affairs**, November 13, 2020.

TARROW, Sidney. **Power in Movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WORSLEY, Peter. **El concepto de populismo**, In: Ghita Ionescu e Ernest Gellner (org.), Populismo: sus significados y caracteristicas nacionales, Buenos Aires: Amorrortu, 1969.